



# Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

Abri  
l 2025



# Intenção de Oração do Santo Padre



## EVANGELIZAÇÃO

### **ABRIL: Pelo uso das novas tecnologias**

*Rezemos para que o uso das novas tecnologias não substitua as relações humanas, respeite a dignidade das pessoas e ajude a enfrentar as crises do nosso tempo.*



No contexto do Jubileu, a **Fundação AIS** está a organizar, a nível internacional, uma **peregrinação a Roma, de 7 a 12 de Maio de 2025**.

Do programa consta uma audiência privada com o Papa e a participação num momento de oração pelos mártires no Coliseu, em particular pelos mártires do séc. XXI.

*Caso queira receber mais informações, por favor, contacte-nos através do email [apoio@fundacao-ais.pt](mailto:apoio@fundacao-ais.pt)*



No dia 2 de Abril assinalamos o 20º aniversário da morte de São João Paulo II. **Pedimos a sua intercessão junto de Deus pela Paz no mundo**

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS  
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt  
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,  
Alexandra Ferreira  
FOTOS © AIS; © ismaelmartinezsanchez

CAPA *Resurrection*, Andrea Mantegna  
PERIODICIDADE 11 edições anuais  
IMPRESSÃO Gráfica Artipol  
PAGINAÇÃO JSDesign  
DEPÓSITO LEGAL 352561  
ISSN 12, 2182-3928

# O mês da alegria pascal

Uma das mais belas e profundas expressões do Cristianismo é a celebração dos mistérios da fé ao ritmo das estações. O Cristianismo distingue-se das outras religiões pela sua origem no mistério pascal, morte e ressurreição do Senhor, que se deu no quadro da festa pascal judaica, memorial da libertação dos filhos de Israel do Egito, conduzidos por Moisés. A Páscoa judaica era uma celebração primaveril e o mesmo a Páscoa cristã, desde o concílio de Niceia (325) fixada no Domingo a seguir à Lua cheia do equinócio da Primavera. Ao ritmo da semana, a Páscoa é celebrada em cada Domingo, pois foi na madrugada do primeiro dia da semana, antes do nascer do sol, que as santas mulheres foram ao túmulo e encontraram-no vazio: “porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou!” (Lc 24,5-6).

Na vigília pascal, a Igreja permanecia toda a noite e só terminava ao romper da alva, em memória do momento em que as santas mulheres foram ao túmulo (cf. Lc 24,1) e ouviram dos anjos o querigma pascal: “Não está aqui! Ressuscitou”. Na primeira carta aos coríntios S. Paulo

exclama: “Onde está, ó morte, a tua vitória?” (1 Cor 15,55).

Há uns anos atrás assisti a um debate entre três filósofos italianos sobre a “origem da filosofia”. Há uma resposta clássica a esta pergunta, formulada pelo filósofo alemão Leibniz (1646-1716) e retomada por M. Heidegger (1889-1976), também alemão, segundo a qual a origem da filosofia, ou o que leva o homem pensar, é a admiração perante a beleza e a harmonia do universo, porque é que há o ser e não o nada, que o termo grego *Thauma* significa. No entanto, este termo tanto significa *admiração* como *medo*, *temor*, perante o sofrimento e a morte. No fundo, a origem da filosofia e da ciência em geral, nas suas diversas modalidades e metodologias, é a tentativa do homem de superar o medo da morte e retardar ao máximo a sua eventualidade. E, de facto, grandes progressos têm sido feitos neste domínio: do homem da era do Paleolítico, de que há hoje tantos sinais em fósseis descobertos pela paleontologia, cuja média de vida não superava os 40 anos, passando pelo testemunho da Escritura segundo a qual a vida do homem vai até aos 70 anos e, se é forte, até aos 80 (cf. Sl 90,10), até à situação actual, quando

se fala já numa quarta idade, em que ter 90 anos já não será considerado velho o homem que os tiver, tudo isto mostra que a ciência e os hábitos de higiene podem prolongar quase indefinidamente a nossa curva da existência. E, no entanto, a lei da entropia mostra que tudo o que nasce se encaminha para o fim, para a morte. A filosofia, quando muito, consegue alcançar um sentido para a morte, mas não consegue vencê-la. E, por isso, não basta retardar ao máximo a hora da morte; seria necessário vencê-la, redimi-la. Mas isso não está ao alcance nem da filosofia nem da ciência. Então, Emanuele Severino (1929-2020), um dos participantes, aliás, o principal, desse debate, voltando-se para os católicos presentes na assistência (ele mesmo de formação católica, mas que pelo seu percurso filosófico de certo modo dela se afastou), interpelou-os: “Mas vós, os católicos, tendes uma mensagem que só vós, que só a Igreja pode proclamar: um houve na história que morreu, mas que ressuscitou e enviou o Espírito Santo para que todos os que n’Ele acreditam participem nesta vitória, na vitória da vida sobre a morte”. O filósofo percebeu o alcance existencial do querigma pascal.

S. Paulo insiste neste tema: “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé” (1 Cor 15,17), e somos os mais infelizes de todos os homens. Mas não: Cristo ressuscitou e entregou-nos o Seu Espírito para que possamos participar na Sua vitória.

Os apóstolos e os primeiros discípulos não foram testemunhas da ressurreição, mas do *Ressuscitado*, comeram com Ele depois de ter ressuscitado dos mortos (cf. Act 10,41), expressão que significa, por um lado, o realismo das aparições do Senhor, e, por outro, uma referência à Eucaristia, à Santa Missa, na qual o Senhor ressuscitado é pão da vida e cálice da salvação. Mas o Espírito Santo, Senhor que dá a Vida, é dado ao cristão primeiro no Baptismo, depois na Confirmação, e em todos os sacramentos, dos quais, depois do Baptismo e da Eucaristia, é o sacramento pascal, no qual são perdoados os pecados, pelo ministério sacerdotal, que age *in persona Christi* (LG 10; PO 2). O sacerdócio - presbíteros e bispos - é na Igreja e para o mundo sinal sacramental da vitória pascal sobre o pecado e sobre a morte! Aqui se encontra a origem da teologia e do sentido transcendente da filosofia e da ciência que os Cristãos hão-de praticar, se estiverem conscientes do que significa o querigma pascal!

Neste ano jubilar não nos esqueçamos destas verdades fundamentais, em torno das quais gravita todo o sentido da nossa existência, porque é este mistério pascal que sustenta este pobre mundo, de que a Igreja é sinal e como sacramento (LG 1).

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj  
*Assistente Espiritual da Fundação AIS*

**Superfície:**185.180 km<sup>2</sup>**População:**

18,9 milhões

**Religiões:**

Muçulmanos: 94 %

Cristãos: 3,8 %

Agnósticos: 1,9 %

Outras: 0,3 %

**Língua Oficial:**

Árabe

**SÍRIA****ENTRE A CONFIANÇA  
E A DESCONFIANÇA**

*Dois meses após a queda do regime de Bashar Al-Assad as escolas reabrem e a vida parece retomar na Síria o seu curso normal. Entretanto, os Cristãos oscilam entre a esperança e o medo do futuro.*

A queda e a fuga de Bashar al-Assad e da sua ditadura corrompida, e já sem fôlego, a 8 de Dezembro puseram fim a uma guerra civil de 14 anos. Com início em Março de 2011, terá feito mais de 500 mil vítimas e provocado o êxodo de 13 milhões de sírios: quase

7 milhões de deslocados no interior do país e 6,5 milhões de exilados no estrangeiro (principalmente na Turquia no Líbano e na Jordânia). Entre eles contam-se milhares de cristãos. De Aleppo a Damasco uma brisa de liberdade com aroma a *shisha* faz



Nossa Senhora das Dores  
nas ruínas de Ghouta

reviver o país. Quer tenham sido a favor ou hostis ao antigo regime, os Sírios sentem-se aliviados. A violência cessou na maior parte do território à excepção do nordeste e do centro-este (Deir Ez-zor, Manbij), onde os confrontos opõem os árabes pró-turcos às milícias curdas. Embora exilados e deslocados entre os quais numerosos cristãos tenham começado a regressar às suas casas, reina a prudência. Os Sírios guardam na memória a brutalidade dos islamistas nas zonas que controlavam aquando na oposição. Os Cristãos sabem qual é a sua posição. Desde a irrupção do Islão a partir do séc. VII, a sua memória

registra uma série de perseguições de discriminações e de êxodos. Antes de 2011, os Cristãos contavam ainda com quase um milhão de fiéis. Agora não são mais do que 250 mil!

## O NOVO CHEFE

Uma transição política incerta começou sob a direcção do novo homem forte: Mohammed al-Joulani chefe do HTC (Hayat Tahrir al-Cham), antigo ramo sírio da al-Qaeda. Antigo jihadista, cuja cabeça tinha sido posta a prémio pelos Americanos por 10 milhões de dólares, e estando o HTC na lista dos movimentos terroristas, al-Joulani diz



A catedral de al-Telal (Alepo)

ter mudado após a sua ruptura com a al-Qaeda em 2016. Assegurou à CNN que “já não era o homem que se tinha juntado à al-Qaeda”.

Aconselhado pelo seu mentor turco, suavizou a sua imagem. De fato e gravata, sorridente e educado, tem por objectivo ser inclusivo, e tranquiliza os seus partidários: “Sejam um modelo de tolerância e de perdão...”. A 31 de Dezembro assegurava aos representantes das Igrejas cristãs: “Não considero os Cristãos sírios uma minoria, mas uma parte integrante do povo Sírio.” Numerosos responsáveis cristãos são sensíveis a esta –

– aparente? – moderação. “Queremos estar ligados aos nossos irmãos” insiste D. Jacques Mourad arcebispo de Homs, que foi refém do Daesch.

Os Sírios, em particular os Cristãos, oscilam entre a confiança e a desconfiança. A matriz intelectual islâmica de al-Joulani e a sua equipa próxima de Damasco, todos antigos jihadistas, mantêm a incerteza. Ninguém esqueceu a sangrenta tomada da região de Idlib, no fim de uma implacável batalha fratricida. Al-Joulani instaurou aí a *sharia* (lei islâmica) aplicada, valha a verdade, sem excesso.



## TAQIYA

Se os Sírios rejubilam pelo facto de a ditadura de Assad ter acabado, interrogam-se sobre a verdadeira natureza do novo poder e sobre as suas reais intenções. Os Cristãos encaram com precaução as inúmeras “mensagens positivas”. Evocam a *taqiya* – a arte da dissimulação – que autoriza que os Muçulmanos mintam, a fim de esconder as suas verdadeiras intenções para atingir o objectivo final: a islamização total da sociedade em que vivem.

Alguns sinais reavivaram a inquietação. Al-Joulani confirmou que o

processo constitucional do novo regime seria muito longo - quatro anos! Isto quer dizer que a Síria vai viver num estado de excepção constitucional e numa opacidade política, propícios a todos os desvios. O perigo reside na instauração, *de facto*, de uma autocracia islâmica dotada de plenos poderes.

Os bares dos bairros cristãos poderiam não reabrir. As escolas mistas teriam os dias contados. O novo ministro da justiça é um religioso fundamentalista que, em Idlib, mandou decapitar mulheres, em nome da *sharia*. O Governo tentou também reescrever os manuais de história “no sentido da



O futuro dos Cristãos sírios está dependente do novo Governo.

verdadeira fé”: a exaltação do Islão e a supressão do ensino científico e da poesia. Teve de fazer marcha-atrás. Voltará à carga quando tiver recebido os biliões de dólares da ajuda internacional prometida para a reconstrução do país?

Al-Joulani e o seu Governo serão julgados pelos seus actos, repetem os ocidentais. Quer confiem quer desconfiem, os Cristãos da Síria colocam-se sob os auspícios do Jubileu 2025, cujo tema é a esperança. O título da Bula Papal é para eles uma garantia: *Spes non confundit*, “a esperança não desilude”.

### **Oração**

*Para que os Cristãos na Síria continuem a ser respeitados, e tratados com dignidade e igualdade, nós Te pedimos Senhor.*

### **SITUAÇÃO DELICADA**

A Fundação AIS mantém contactos directos com os seus múltiplos parceiros e com os responsáveis da Igreja na Síria, os quais tiveram vários encontros com as novas autoridades em Aleppo e Damasco, no decorrer dos últimos meses. A instituição, empenhada em apoiar os Cristãos desde o início da guerra, em 2011, continuará a fazê-lo, consciente de que a situação se pode alterar de um momento para o outro.



JUBILEU 2025



# Reconciliação

O Jubileu é um sinal de reconciliação, porque abre um “tempo favorável” (cf. 2 Cor 6,2) à conversão. Coloca-se Deus no centro da própria existência, caminha-se para Ele e reconhece-se o Seu primado na nossa vida. Também o apelo bíblico à restauração da justiça social e ao respeito pela terra parte de uma exigência teológica: se Deus é o criador do universo, deve ter prioridade sobre todas as realidades e sobre os interesses particulares. É Ele que torna este ano santo, dando a Sua própria santidade.

Como recordou o Papa Francisco na Bula de proclamação do Ano Santo Extraordinário de 2015: “A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar. [...] Esta justiça de Deus é a misericórdia concedida a todos como graça, em virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo. Portanto, a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova” (*Misericordiae Vultus*, 21).

Concretamente, trata-se de viver o sacramento da reconciliação, de aproveitar este tempo para redescobrir o valor da confissão e receber pessoalmente a palavra do perdão de Deus. Há algumas igrejas jubilares que oferecem continuamente esta possibilidade. Cada um pode preparar-se seguindo um guião para o efeito.

In <https://www.iubilaeum2025.va/pt/giubileo-2025/segni-del-giubileo/porta-santa.html>



A NOITE ESTÁ  
A CHEGAR  
AO FIM...

**A** noite está a chegar ao fim e começam já a despontar os primeiros fulgores da aurora, quando as mulheres saem para o túmulo de Jesus. Caminham com passo incerto, olhar perdido e o coração dilacerado de dor por aquela morte que lhes arrebatou o Amado. Mas tendo chegado lá, ao ver o túmulo vazio, invertem o rumo, mudam de estrada; abandonam o sepulcro e correm a anunciar aos discípulos um percurso novo: Jesus ressuscitou e espera-os na Galileia. Na vida destas mulheres, aconteceu a Páscoa, que significa passagem: de facto, passam do caminho triste rumo ao sepulcro para uma corrida jubilosa até junto dos discípulos, a fim de lhes dizer não só que o Senhor ressuscitou, mas que há uma meta a alcançar imediatamente, a Galileia. O encontro com o Ressuscitado é lá. O renascimento dos discípulos, a ressurreição do seu coração passa pela Galileia. Entremos também nós neste caminho dos discípulos, que vai do túmulo à Galileia.

As mulheres – diz o Evangelho – “foram visitar o sepulcro” (Mt 28, 1). Pensam que Jesus Se encontre no lugar da morte, e que tudo tenha acabado para sempre. **Às vezes acontece-nos, também a nós, pensar que a alegria do encontro com Jesus pertença ao passado, enquanto aquilo que o presente nos dá a conhecer são sobretudo túmulos selados:** os túmulos das nossas desilusões, amarguras e desconfianças, os túmulos do “não há mais nada a fazer”, “as coisas nunca mudarão”, “é melhor gozar o dia a dia” porque “do amanhã não estamos seguros”. Também nós, se fomos afligidos pela dor, oprimidos pela tristeza, humilhados pelo pecado, amargurados por algum fracasso ou pressionados por alguma preocupação, experimentámos o gosto amargo do cansaço e vimos a alegria apagar-se no coração.

Às vezes notamos simplesmente o peso de levar por diante a vida quotidiana, cansados de correr riscos num mundo frio e duro, onde parecem prevalecer sempre as leis do mais astuto e do mais forte. Outras vezes sentimo-nos impotentes e desanimados perante o poder do mal, os conflitos que dilaceram as relações, as

lógicas feitas de cálculo e indiferença que parecem governar a sociedade, o cancro da corrupção – e há tanta –, a propagação da injustiça, os ventos gélidos da guerra. Mais ainda, talvez nos tenhamos confrontado com a morte, ao roubar-nos a doce presença dos nossos entes queridos ou nela tocando ao de leve numa doença ou num contratempo grave, e facilmente caímos vítimas da desilusão quando a fonte da esperança seca. Assim, por estas ou outras situações – cada um de nós conhece as suas - os nossos caminhos detêm-se perante túmulos e nós ficamos imóveis a chorar e a lamentar-nos, repetindo, sozinhos e impotentes, os nossos “porquês”. Aquela cadeia de “porquês”...

Ao contrário, as mulheres na Páscoa não ficam paralisadas diante de um túmulo, mas – diz o Evangelho – “afastando-se rapidamente do sepulcro, cheias de temor e grande alegria, as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos” (28, 8). Levam a notícia que mudará para sempre a vida e a história: Cristo ressuscitou! (28, 6). E, ao mesmo tempo guardam e transmitem a recomendação do Senhor, o seu convite aos discípulos, ou seja, que partam para a Galileia, porque lá O verão (cf. 28, 7). Mas, irmãos e irmãs, perguntamo-nos hoje: **que significa ir para a Galileia? Duas coisas: a primeira, sair da clausura do Cenáculo partindo para a região habitada pelos gentios (cf. Mt 4, 15), sair do escondimento para se abrir à missão, escapar do medo para caminhar rumo ao futuro. A segunda – e isto é maravilhoso –, voltar às origens, porque precisamente na Galileia é que tudo começara. Lá o Senhor encontrara e chamara pela primeira vez os discípulos. Portanto, ir para a Galileia é voltar à graça primordial, é readquirir a memória que regenera a esperança, a “memória do futuro” com que fomos marcados pelo Ressuscitado.**

Vemos assim o que faz a Páscoa do Senhor: impele-nos a seguir em frente, sair da sensação de derrota, rolar a pedra dos sepulcros onde muitas vezes encerramos a esperança, olhar o futuro com confiança, porque Cristo ressuscitou e mudou a direcção da história; mas, para o conseguir, a Páscoa do Senhor leva-nos ao nosso passado de graça, faz-nos regressar à Galileia, onde teve início a nossa história de amor com Jesus, onde ocorreu o primeiro chamamento. Por outras palavras, pede-nos para reviver o momento, a situação, a experiência em que encontramos o Senhor, experimentámos o seu amor e recebemos um olhar novo e luminoso sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida. **Irmãos e irmãs, para ressuscitar, recomeçar, retomar o caminho, precisamos sempre de voltar à Galileia, isto é, voltar, não a um Jesus abstracto, ideal, mas à memória viva, à memória concreta e palpitante do primeiro encontro com Ele. Sim, para caminhar**

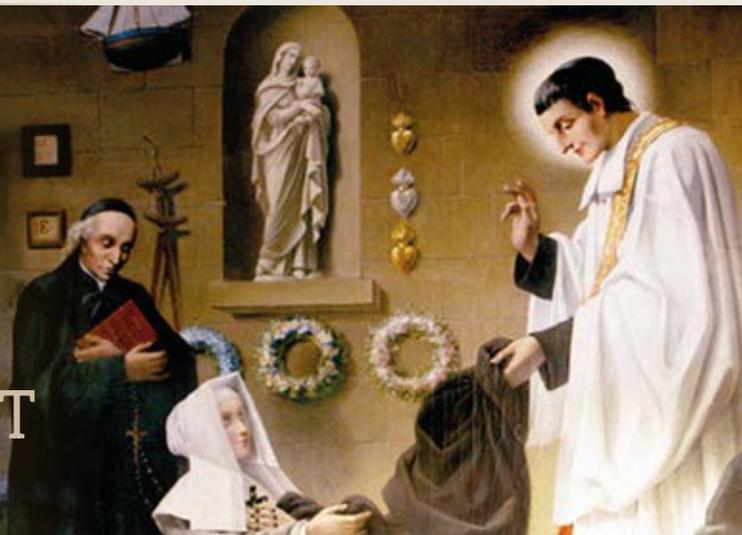
**devemos recordar; para ter esperança devemos nutrir a memória. E este é o convite: recorda e caminha! Se recuperares o primeiro amor, o deslumbramento e a alegria do encontro com Deus, seguirás para a frente. Recorda e caminha.**

Recorda a tua Galileia, e caminha para a tua Galileia. É o “lugar” onde conhecestes pessoalmente Jesus, onde Ele deixou de ser, para ti, uma personagem histórica como outras, tornando-Se a pessoa da tua vida: não um Deus distante, mas o Deus próximo, que te conhece melhor do que ninguém e te ama mais do que qualquer outra pessoa. Irmão, irmã, traz à memória a Galileia, a tua Galileia: a Galileia da tua chamada, daquela Palavra de Deus que, num momento concreto, foi dirigida precisamente a ti; daquela forte experiência no Espírito, da maior alegria do perdão sentida depois daquela Confissão, daquele momento intenso e inesquecível de oração, daquela luz que se acendeu no teu íntimo e transformou a tua vida, daquele encontro, daquela peregrinação, etc. Cada um de nós sabe onde se encontra a sua Galileia, cada um de nós conhece o próprio lugar da ressurreição interior, lugar inicial e fundacional, que mudou as coisas. Não podemos deixá-lo no passado, o Ressuscitado convida-nos a ir até lá, para celebrar a Páscoa. Recorda a tua Galileia, trá-la à memória, reaviva-a hoje mesmo. Volta àquele primeiro encontro. Interroga-te como e quando foi, reconstrói o seu contexto, tempo e lugar, repassa a emoção e as sensações, revive as suas cores e sabores. Com efeito, tu sabes, foi quando esqueceste aquele primeiro amor, quando olvidaste aquele primeiro encontro que começou a depositar-se o pó no teu coração. E experimentaste a tristeza e, como para os discípulos, tudo parecia carecido de perspectiva, com um rochedo selando a esperança. **Mas hoje, irmão, irmã, a força da Páscoa convida a rolar para fora as pedras da desilusão e da desconfiança; o Senhor, perito em derrubar as pedras tumulares do pecado e do medo, quer iluminar a tua memória santa, a tua recordação mais bela, tornar actual aquele primeiro encontro com Ele. Recorda e caminha: volta para Ele, redescobre a graça da ressurreição de Deus em ti! Volta à Galileia, volta à tua Galileia.**

**Irmãos, irmãs, sigamos Jesus até à Galileia, encontremo-l’O e adoremo-l’O lá onde Ele espera cada um de nós. Revivamos a beleza daquele momento em que, depois de O termos descoberto vivo, O proclamámos Senhor da nossa vida. Voltemos à Galileia, à Galileia do primeiro amor, cada um volte à sua própria Galileia, a do primeiro encontro, e ressurrejamos para uma vida nova!**

*Vigília Pascal na Noite Santa, Homília do Papa Francisco, Basílica de São Pedro, Sábado Santo, 8 de Abril de 2023*

# SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT



**S**ão Luís Maria, o segundo de 18 filhos, nasceu no dia 31 de Janeiro de 1673, em Montfort-sur-Meu, numa família da Bretanha, profundamente cristã. Ali, viveu apenas poucas semanas, após ter recebido o batismo um dia depois do seu nascimento. Apesar das dificuldades económicas, aos 12 anos frequentou o colégio jesuíta de São Tomás Becket, em Rennes, e a seguir, transferiu-se para Paris, onde entrou para o seminário de São Sulpício e estudou na Universidade Sorbonne. Com 27 anos, a 5 de Julho de 1700, dia de Pentecostes, foi ordenado sacerdote. Algumas testemunhas narram que ele permaneceu o dia inteiro em adoração como “um anjo diante do altar”.

São Luís Maria era um homem de oração e acção. A sua obra evangelizadora distinguiu-se logo pela defesa da fé católica contra o racionalismo, protestantismo, galicanismo e o difundido jansenismo. Um dos seus primeiros encargos foi o de capelão do hospital de Poitiers. Era muito amado pelos doentes e pobres, devido ao seu zelo missionário e dedicação incondicionada, o que causou inimizade entre alguns sacerdotes, pelo seu comportamento excêntrico. Por isso, teve de deixar o cargo.

Após dois meses de peregrinação a pé, em 1706, chegou a Roma, onde recebeu o título de “Missionário Apostólico” do Papa Clemente XI, do qual recebeu também de presente um crucifixo de marfim, - que sempre levou consigo - com o convite de se dedicar à evangelização da França. Antes de voltar à sua pátria, São Luís Maria, que gostava de se definir “servo de Maria”, visitou a Santa Casa de Loreto. Sentia-se muito atraído pela vida de submissão de Jesus à Virgem na casa de Nazaré.

Continuou a ser impedido de exercer na Diocese de Poitiers. Por isso, dedicou-se à missão popular entre os habitantes da zona rural da nativa Bretanha e da Vendeia, e à edificação da Igreja, não apenas espiritual, mas também física, reconstruindo até algumas capelas.

São Luís Maria nunca fugiu da cruz. Pelo contrário, não obstante a sua grande estima entre os fiéis, sofreu perseguição, dentro e fora da Igreja. O Bispo de Nantes, por exemplo, negou-se a abençoar o Calvário que o sacerdote tinha construído, com a contribuição de muitas pessoas, ao término da sua missão em Pontchâteau. A sua obra foi destruída e reconstruída, várias vezes: primeiro, sob o reinado de Luís XIV e, depois, durante a Revolução Francesa. Mas, o missionário nunca desanimou e comentava: “Se não pudermos edificar a cruz aqui, a edificaremos em nosso coração”.

Nos últimos anos de vida, o santo fez pregações nas Dioceses de Luçon e La Rochelle, a pedido dos respectivos bispos, abertamente contrários aos jansenistas.

No dia 28 de Abril de 1716, enquanto participava de uma missão, São Luís Maria faleceu de pneumonia, com a idade de 44 anos. Todo o povo se reuniu diante do seu leito de morte para receber a sua bênção. Foi beatificado, em 1888, pelo Papa Leão XIII e canonizado, em 1947, por Pio XII. O próprio Papa João Paulo II, que o inscreveu no Calendário geral da Igreja, em 1996, adoptou para o seu Pontificado o lema *Totus Tuus* (Todo teu - referindo-se a Nossa Senhora) extraído da sua espiritualidade.

São Luís Maria é considerado um dos pioneiros nos estudos teológicos sobre Nossa Senhora, a Mariologia. Seguir Maria para “encontrar Jesus Cristo”. Esta sua convicção transformou-se numa pastoral, cuja centralidade era o culto à Virgem Maria, a propagação da oração do Terço e a organização de procissões e celebrações marianas.

Fundador das Filhas da Sabedoria (1703) e da Companhia de Maria (1705) é recordado pelos seus escritos marianos, como o **Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem**, redigido em 1712, pelo qual muitas pessoas se consagram a Nossa Senhora. Esta obra permaneceu escondida num cofre durante 150 anos. Ao ser reencontrada, em 1842, foi publicada no ano seguinte. Hoje, está traduzida em numerosas línguas, por ser o ponto de referência da espiritualidade mariana mundial.

O Tratado oferece-nos um itinerário preparatório para a consagração, que culminará sempre numa festa dedicada a Nossa Senhora, que se renova anualmente. A natureza do Tratado e o seu objectivo último é claro, que o ser humano atinja a perfeição, que consiste em assemelhar-se e configurar-se a Cristo, e esteja unido e consagrado a Ele. Portanto, sendo Maria entre todas as criaturas a que mais se conformou a Cristo, a devoção a Ela é a que melhor consagra e nos assemelha a Ele. Para São Luís Maria, quanto mais se consagra a Maria, mais consagrado estará a Cristo. A consagração apresentada por São Luis Maria é uma consagração total à Santíssima Trindade por meio de Maria.

## FRANÇA

Brahim Aouissaoui, acusado do ataque terrorista à Basílica de Nice no dia de 29 de Outubro de 2020, onde esfaqueou até à morte três pessoas que se encontravam na igreja, foi condenado a prisão perpétua. O julgamento deste caso, que chocou a opinião pública, ocorreu numa altura em que foi divulgado um relatório que aponta para o aumento, pelo segundo ano consecutivo, do número de roubos e tentativas de incêndios em igrejas em França.

## NIGÉRIA

Um padre católico foi raptado e assassinado na Diocese de Kafanchan, na Nigéria no dia 4 de Março. Dois dias antes, ocorreu outro rapto, de um padre e de um seminarista, na Diocese de Auchi. Estes incidentes graves retratam a situação de enorme insegurança que se vive neste país de África.

## RD CONGO

O massacre em Fevereiro de pelo menos 70 pessoas, cujos corpos foram encontrados numa igreja protestante numa aldeia em Lubero, na província do Kivu Norte, na República Democrática do Congo, terá sido da responsabilidade de militantes do grupo armado islâmico 'Forças Democráticas Aliadas' (ADF), segundo apurou, entretanto, a Fundação AIS. Muitos dos corpos, essencialmente de mulheres, crianças e idosos, estavam amarrados e alguns foram decapitados.

● Dinamismo

● Inquietação

● Sofrimento

## SÍRIA

A Fundação AIS manifestou a sua profunda preocupação com a escalada de violência na Síria, particularmente na região costeira, onde centenas de civis foram vítimas de ataques indiscriminados no início de Março. A situação criou uma atmosfera de medo e incerteza, também para as comunidades cristãs, que já sofreram muito na última década. Sinal disso, a Irmã Myri, a única religiosa portuguesa a viver na Síria, enviou uma mensagem para a Fundação AIS em Lisboa a pedir as orações dos Portugueses pela situação no país.

## ÍNDIA

No meio do Oceano Índico, na ilha de Andaman, a Igreja procura estar presente junto dos fiéis, mesmo os que vivem em pequenas localidades escondidas no meio da selva. Chegar até lá, às suas aldeias, é um desafio difícil, por vezes mesmo perigoso, mas nada disso mete medo a Santosh Kumar. Ele é um jovem sacerdote, foi ordenado a 12 de Maio do ano passado, e praticamente toda a sua história de fé, desde que entrou no seminário, está ligada à Fundação AIS. Uma história que revela como a solidariedade dos benfeitores da AIS chega aos quatro cantos do mundo...

## MOÇAMBIQUE

Homens armados assaltaram no final de Fevereiro o Centro de formação de Nazaré, na Arquidiocese da Beira, agredindo com violência três missionários que se encontravam no local. Num comunicado enviado para a Fundação AIS, a Conferência dos Institutos Religiosos de Moçambique “expressou a sua preocupação com a insegurança” e pediu orações pela paz no país.



# Oração da Páscoa

*É nosso dever, com todas as forças da mente e do coração, Te louvarmos, ó Pai,  
e ao Teu único Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.*

*Querido Pai, pela Tua admirável condescendência de bondade amorosa para conosco,  
Teus servos, entregaste o Teu Filho.*

*Querido Jesus, pagaste a dívida de Adão por nós ao Pai Eterno,  
pelo Teu Sangue derramado e pela Tua amorosa bondade.*

*Iluminaste as trevas do pecado com a Tua magnífica e radiante Ressurreição.*

*Quebraste os grilhões da morte e ergueste-Te do túmulo como vencedor.*

*Reconciliaste o Céu e a terra.*

*A nossa vida não tinha esperança da felicidade eterna antes de nos teres redimido.*

*A Tua ressurreição lavou os nossos pecados, restaurou  
a nossa inocência e trouxe-nos a alegria.*

*Quão preciosa é a ternura do Teu amor!*

*Papa São Gregório Magno*



Fundação AIS  
ACN PORTUGAL

Rua Professor Orlando Ribeiro, 5 D, 1600-796 LISBOA  
Tel 217 544 000 | IBAN: PT50 0269 0109 0020 0029 1608 8  
fundacao-ais@fundacao-ais.pt | [www.fundacao-ais.pt](http://www.fundacao-ais.pt)